

Building (e-)Learning Bridges: uma visão europeia das barreiras ao e-Learning

Lencastre, J. A.¹, Bronze, J.²

¹Universidade do Minho
jlencastre@ie.uminho.pt

²Instituto Piaget
jbronze@ipiaget.org

Resumo

Apesar de em todo o mundo os cursos de educação e formação em e-Learning terem vindo a aumentar de ano para ano, chegando a cada vez mais públicos, a realidade mostra que há ainda muitas barreiras por ultrapassar e que podem surgir a partir dos formandos, formadores, fatores ambientais, e até mesmo características culturais e interculturais do ambiente de e-Learning. *Building (e-)Learning Bridges* é uma Parceria de Aprendizagem Grundtvig (*Lifelong Learning Programme*) que envolve sete instituições de sete países europeus e que vem estudando o ambiente de aprendizagem que as instituições enfrentam quando implementam soluções de e-Learning no ensino e na formação de adultos. Tem como objetivo identificar e diminuir as barreiras comuns ao e-Learning que existentes em cada país bem como entre países. O presente artigo apresenta uma visão europeia das barreiras ao e-Learning a partir das experiências dos parceiros, terminando numa proposta de protocolo de criação de cursos que, depois de testado e avaliado, será fruto de um processo de disseminação e incorporação de boas práticas, nomeadamente nos sete países que compõem a parceria.

1. Introdução

Com a expansão da Internet a educação e formação em e-Learning tem vindo a crescer em todo o mundo, emergindo como *o paradigma* da educação moderna (Mehregan, Jamporzme, Hosseinzadeh, & Mehrafrouz, 2011; Sun, Tsai, Finger, Chen, & Yeh, 2008), propondo um novo modelo que ajuda a expandir a rede de instituições de educação e formação. O e-Learning permite ir ao encontro do paradigma da aprendizagem ao longo da vida, respondendo aos desafios da estratégia ‘Europa 2020’, onde a educação e a formação terão um papel central para se atingirem os objetivos para a coesão e a inclusão sociais (Official Journal of the European Union C 70/1, 2011). A estratégia ‘Europa 2020’ aponta para a necessidade de se criarem mais oportunidades para que aqueles que deixaram a educação formal possam aprender mais tarde (*second chance education*), aumentando as suas competências e consequentes oportunidades de participação cívica e no mercado de trabalho. O e-Learning pode facilitar o acesso desses indivíduos às oportunidades de aprendizagem ao longo da vida porque proporciona uma aprendizagem personalizada, em conformidade com a necessidade, a

disponibilidade e o ritmo de cada sujeito, a partir de casa ou do local de trabalho, sem limitações de tempo ou distância física. Este modelo de formação derruba barreiras temporais e espaciais (*anytime, anywhere*), sendo a solução ideal para todos os que têm uma atividade profissional diária ou vivem longe dos centros de formação, para quem tem mobilidade condicionada ou ainda indivíduos em instituições prisionais ou doentes ocasionais. Em todo o mundo, o mercado de aprendizagem via e-Learning tem uma taxa de crescimento prevista até 2015 de 9,2% (The Worldwide Market for Self-paced eLearning Products and Services: 2010-2015, 2011).

Apesar de todo o optimismo do mercado e do apoio mediático às vantagens do e-Learning, os dados mostram que os formadores possuem uma falta de autoconfiança que supera o optimismo geral (European Centre for the Development of Vocational Training [CEDEFOP], 2012). De acordo com dados do CEDEFOP, cerca de 32% dos formadores indicam que as suas competências na preparação de especificações pedagógicas ou de ferramentas de aprendizagem electrónica são «fracas» e apenas 17% afirmam possuir um nível de competência «muito bom» ou «excelente» neste domínio. Além disso, mais de 60% dos formadores consideram que a capacidade para animar e estimular os formandos num espaço de trabalho virtual constitui um factor crítico. No ensino, muitos docentes que implementam cursos de e-Learning limitam-se a disponibilizar conteúdos que não tiram partido do ambiente digital, funcionando este como repositório e não como espaço de comunicação ou partilha (Observatório do Plano Tecnológico da Educação [OPTE], 2010). Isto gera nos estudantes reservas acerca das virtudes do e-Learning e leva à frustração (Sun et al., 2008; Wu, Tsai, Chen, & Wu, 2006); Wang, 2003; Arbaugh & Duray, 2002; Thurmond, Wambach, Connors, & Frey, 2002), colocando mesmo em causa a credibilidade da formação. Como resposta, muitos estudantes deixam a aprendizagem *online* após uma experiência inicial, resultando em altas taxas de atrito (Hashim, Ahmad, & Ahmad, 2010; Wang, Foucar-Szocki, Griffen, O'Connor, & Sceiford, 2003; Flood, 2002).

2. O projeto Building (e-)Learning Bridges

E-Learning é um conceito muito abrangente e genérico para o vasto domínio da formação com recurso (e através) das tecnologias de informação e comunicação (TIC). Considerando que a língua inglesa tem prevalecido no contexto das TIC, a expressão e-

Learning é, muitas vezes, usada como sinónimo de educação a distância (ênfase na aprendizagem) ou ensino a distância (ênfase na instrução). Sendo fácil imaginar que estes conceitos estiveram na base do que hoje chamamos de *e-Learning*, é também claro que o e-Learning veio realizar o que antes não era fácil de conseguir ‘a distância’ (Rosenberg, 2001; 2006), nomeadamente:

- a crescente interação entre o formador e o formando;
- a comunicação bilateral;
- a comunicação síncrona e assíncrona;
- a inclusão de estratégias colaborativas;
- o uso de materiais de aprendizagem mediatizados e estratégias que incentivem o formando / estudante a processar informações de forma autónoma;
- a recolha sistemática de dados (através das plataformas)
- informações atualizadas e relevantes em tempo real.

Assim, o e-Learning veio proporcionar uma nova oportunidade de aprendizagem valorizando a componente de comunicação e interação (Moore, Dickson-Deane, & Galyen, 2011), numa dimensão anteriormente impensável pela inadequação das tecnologias até então existentes.

Com o foco de melhorar a qualidade do e-Learning e aumentar a sua promoção, o projeto **Building (e-)Learning Bridges**¹, doravante designado por **e-Bridges**, uma Parceria de Aprendizagem Grundtvig (*Lifelong Learning Programme*), vem estudando o ambiente de aprendizagem que as instituições enfrentam quando implementam soluções de e-Learning no ensino e na formação de adultos. Desde setembro de 2012, os parceiros têm debatido a dimensão europeia das barreiras ao e-Learning com o objetivo de incorporar experiências num protocolo de e-Learning e testá-lo entre países. Este protocolo pretende facilitar a criação de cursos em e-Learning para aqueles cuja experiência é nenhuma, pouca ou negativa (como muitas vezes revelam os docentes de

¹Projeto Building (e-)Learning Bridges (2012-2014), Programa Aprendizagem ao Longo da Vida, Parcerias de Aprendizagem Grundtvig, contrato número 2012-PT1-GRU06-12160. O projeto é desenvolvido por uma Parceria composta por instituições de 7 países europeus: Portugal, Reino Unido, Espanha, Itália, Polónia, Lituânia e Turquia. O leque de atuação das entidades parceiras vai desde o ensino superior (educação e formação de adultos), avaliação de projetos europeus, formação profissional, desenvolvedores de produto e formadores.

sala de aula tradicional ao enfrentarem os desafios e as exigências da tutoria em e-Learning).

3. O protocolo e-Bridges

Ao fim de um ano de execução do projeto foi possível (1) definir a natureza do protocolo e-Bridges e os seus princípios-chave; (2) descrever algumas barreiras comuns ao e-Learning que podem surgir entre os países (bem como dentro dos países) e apontar possíveis soluções; (3) desenhar as etapas para a criação de um curso em e-Learning a partir das barreiras comuns encontradas.

3.1 Natureza do ‘protocolo’ e os seus princípios-chave

Um protocolo é geralmente definido como um conjunto de regras, procedimentos, que devem ser seguidos para alcançar um resultado. Ao criar um novo curso em e-Learning essas regras irão garantir que todos os aspectos importantes do processo de desenvolvimento são seguidos na ordem apropriada. No entanto, os parceiros tiveram alguma dificuldade em harmonizar conceitos, de que são exemplo os próprios conceitos de *e-Learning* (já apresentado) e de *protocolo*.

Quanto ao conceito de protocolo como, por um lado, os parceiros têm diferentes interpretações e significações (até traduções) sobre o “valor” do vocábulo *protocolo*, e, por outro lado, alguns parceiros não quiseram arrogar-se a determinar regras para a criação de um curso, optou-se por ancorá-lo sempre no contexto do Projeto e-Bridges designando-se em exclusivo por **‘protocolo e-Bridges’** (no original *‘e-Bridges Protocol’*). Assim, o ‘protocolo e-Bridges’ está a ser desenhado para fornecer um conjunto de indicações para a criação de cursos em e-Learning que permitem ao criador do curso entender os obstáculos que podem surgir para que, por exemplo, experiências transfronteiriças e transculturais de e-Learning possam ser eficazmente desenvolvidas. Os princípios-chave do ‘protocolo e-Bridges’ indicam que um curso em e-Learning deve:

- Ser perceptível e utilizável por todos os participantes: criador do curso, formador e formando.
- Ser relevante para as necessidades de todos os participantes.
- Ser sustentado nos estilos de aprendizagem do formando.

Este artigo é um *pre-print* do trabalho publicado.

Mais 14 páginas estão disponíveis na versão completa deste documento, que pode ser comprado usando o seguinte link
<http://livraria.vidaeconomica.pt/investigacao-ensino/1312-guiapratico-do-e-learning-casos-praticos-nas-organizacoes-9789897680816.html>

Como referenciar este artigo:

Lencastre, J. A., & Bronze, J. (2015). Building (e-)Learning Bridges: uma visão europeia das barreiras ao e-Learning. In Paula Peres, Pedro Pimenta, & Anabela Mesquita (ed.), *Guia Prático do e-Learning nas Organizações* (pp. 54-70). Porto: Vida Económica. ISBN 978-989-768-081-6